

# Santos Rocha

a Arqueologia  
e a Sociedade do seu Tempo

Raquel Vilaça e Sónia Pinto  
(Coord.)

Figueira da Foz | 2012





SANTOS ROCHA

A ARQUEOLOGIA  
E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO



SANTOS ROCHA  
A ARQUEOLOGIA  
E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

COORDENAÇÃO  
RAQUEL VILAÇA E SÓNIA PINTO

## **FICHA TÉCNICA**

### **TÍTULO**

Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo

### **COORDENAÇÃO**

Raquel Vilaça e Sónia Pinto

### **EDIÇÃO**

Casino Figueira

### **DESIGN GRÁFICO**

José Luís Madeira

### **CAPA**

António dos Santos Rocha (Arquivo Fotográfico do Museu Municipal Santos Rocha)

FOTOCOMPOSIÇÃO: João Ricardo Cruz

### **PAGINAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGEM**

José Luís Madeira

### **IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Tipografia Lousanense, Lda. – Lousã

### **TIRAGEM**

1000 exemplares

### **DEPÓSITO LEGAL**

352300/12

### **ISBN**

978-989-97881-3-8



SANTOS ROCHA no Algarve (Arquivo Fotográfico do Museu Municipal Santos Rocha)





## APRESENTAÇÃO

A obra que o leitor tem em mãos assume-se como homenagem a **António dos Santos Rocha**, falecido a 28 de Março de 1910, com 57 anos. Cem anos depois decorreu, na Figueira da Foz e ao longo de mais de um ano, um conjunto diverso de iniciativas que pretendeu evocar e comemorar o ilustre figueirense, o notável arqueólogo, o sagaz investigador.

Santos Rocha não só foi actor, como agente de mudança, inovando e criando. Pioneiro em diversas frentes, inicia-se em arqueologia na primeira metade da década de 70 do séc. XIX, na secção do então *Instituto*, em Coimbra. A viagem que realizou depois, em 1883, ao Sul de Espanha, marcou-o de forma indelével. Homem de campo e de gabinete, sabendo trabalhar em equipa, às prospecções e escavações a que imprimiu invulgar rigor metodológico, aliou o estudo do que encontrou, publicando. A curiosidade e a necessidade de fundamentar o seu pensamento e descobertas empreendidas na região natal, levaram-no mais além, pelo rio acima, até à Beira Alta, e para sul, pela Beira Litoral e Oeste adentro. E, particularmente, até ao Algarve, promovendo as peculiares “excursões científicas” consubstanciadas em quatro viagens (1894 a 1906). Homem empreendedor, criou o que não existia, mas fazia falta: um Museu (1894) e seu *Catálogo* (1905); uma sociedade científica, a Sociedade Archeologica da Figueira (1898), seus Estatutos e *Boletim* (1904). No conjunto, um programa completo que fez dele um arqueólogo e investigador de corpo inteiro.

A abertura oficial das comemorações concretizou-se com a inauguração de uma exposição no Museu Municipal Santos Rocha sobre a vida e obra do seu fundador. O seu encerramento culminou com o Colóquio *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, realizado a 6 de Maio de 2011, data do 116.º aniversário da criação do museu.

A organização deste colóquio resultou de parceria entre o Museu Municipal Santos Rocha - Divisão de Cultura do Município da Figueira da Foz e o IARQ - Instituto de Arqueologia do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entidades cientes da importância do legado ímpar, nos domínios científico e patrimonial (incluindo a vertente conservação, raramente evocada), do investigador figueirense e da imprescindibilidade do seu (re)conhecimento nos dias de hoje.

A forma como decorreu, reunindo mais de 90 inscritos, com esmagadora presença de estudantes universitários, mas a que também acorreram múltiplos figueirenses interessados, foi para todos nós motivo de grande honra e satisfação. Estruturado em função de dois painéis temáticos, respectivamente “Historiografia e percursos de Santos Rocha” e “A arqueologia de Santos Rocha, do seu ao nosso tempo”, contou com inestimáveis contributos de investigadores que, em parte, tomam agora letra de forma. A eles juntam-se outros testemunhos que, então, não foi possível apresentar.

O primeiro texto, assinado por Ana Cristina Martins, reflete, com exaustividade, o percurso e tributo científicos de Santos Rocha contextualizando-os na época, numa altura da história portuguesa em que a arqueologia se afirmava decididamente como ciência. Sublinhando o papel cimeiro

do arqueólogo figueirense dentro de fronteiras, a autora demonstra também a sua proximidade à arqueologia de além-fronteiras.

Pedro Callapez e Miguel Carvalho analisam, de forma articulada, o povoamento pré-histórico da serra da Boa Viagem — palco privilegiado da *praxis* científica de Santos Rocha — com a envolvente geológica e geomorfológica, chamando a atenção para a importância da sua vertente sul, nomeadamente na bacia do rio de Carritos, mas também a do sopé setentrional, onde achados recentes exigem redobrada atenção.

João Luís Cardoso ajuda-nos a entender como Santos Rocha se interessou pela exploração das grutas da Estremadura, concretamente a da Lapa do Suão (Bombarral), cuja importância se confirmaria no séc. XX.

O contributo de Rui Boaventura revela que Santos Rocha não se limitou a realizar escavações, mas também as promoveu junto de jovens, seus admiradores, como as que ocorreram em monumentos megalíticos da região de Monforte (Alentejo).

E entre as que realizou, nomeadamente na Beira Alta, conta-se a escavação da Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital) que, como as demais, também publicou. Da minuciosa intervenção e reabilitação do monumento, já em inícios deste século, dão conta João Perpétuo e Luís Filipe Gomes, trazendo novos elementos para as ocupações desse espaço funerário.

Por seu lado, Isabel Pereira conduz-nos à, talvez, mais simbólica estação associada ao nome de Santos Rocha — Santa Olaia —, primeiro sítio de influência fenícia trazido à luz em território português. Conhecendo bem a estação, onde trabalhou, a autora debruça-se, em particular, sobre as arquiteturas e cronologias das diversas fases.

O testemunho de Ana Margarida Arruda e de Carlos Pereira faz-nos viajar com Santos Rocha até ao Algarve (região de Faro e Barlavento), acompanhando-o nas suas “explorações”, devidamente programadas, ou adaptadas em função de informações junto de populares, que se nos revelam com pormenor e de forma esclarecida. A atenção do notável arqueólogo centrou-se no concelho de Lagos e, em particular, em Bensafrim.

É precisamente para Bensafrim, para a necrópole de Fonte Velha, que remete o último texto, da autoria de Raquel Vilaça e de Barbara Armbruster. Nele é analisada, com minúcia, uma das mais notáveis e conhecidas peças aí encontradas, um disco de ouro, que se valoriza na sua dimensão técnica e simbólica.

A terminar, queremos expressar uma palavra muito sentida sobre a publicação deste livro. A sua existência é possível porque devedora do patrocínio exclusivo do Casino Figueira, a quem se agradece penhorada e reconhecidamente.

Raquel Vilaça

Sónia Pinto





**O DISCO DE OURO**  
**DA NECRÓPOLE DA FONTE VELHA DE BENSFRIM**  
(LAGOS, ALGARVE)

RAQUEL VILAÇA (\*)  
BARBARA ARMBRUSTER (\*\*)

**1. Introdução**

O disco de ouro da Fonte Velha de Bensafirim (Lagos) é sobejamente conhecido entre a comunidade científica nacional e internacional como bem revelam múltiplas referências que, ao longo do séc. XX, deram igualmente conta da sua importância. Publicado por Santos Rocha em inícios do século passado num pequeno trabalho com desenho da autoria de Rita Jardim (Fig. 1), nele encontramos rigorosa descrição da peça e correcta atribuição cronológica, i.e. anterior ao período romano (Rocha 1904).

As circunstâncias de achado são também mencionadas nesse trabalho e entende-se igualmente o motivo pelo qual a peça viajou do Algarve até à Figueira da Foz. Para além da ligação do sagaz arqueólogo, que é agora homenageado, à região algarvia, bem expressa nas suas quatro peculiares “excursões científicas” realizadas entre Dezembro de 1894 e Outubro de 1906 (Pereira 1994, 1997; Arruda e Pereira, neste volume), o arqueólogo figueirense havia parcialmente explorado, logo em 1895, a necrópole de Fonte Velha onde o disco viria a ser depois casualmente encontrado pelo reverendo José Nunes da Glória (Rocha 1904: 64).

---

(\*) Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAUCP-CAM/FCT. E-mail: rvilaca@fl.uc.pt

(\*\*) CNRS-UMR 5608. Universidade de Toulouse. E-mail: barbara.armbruster@univ-tlse2.fr

O disco faz parte das coleções do Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), onde se encontra exposto<sup>1</sup>, tendo sido, entretanto, apresentado (no original ou em réplica) em diversas exposições temporárias<sup>2</sup>.

No âmbito da investigação sobre discos, botões e apliques de ouro pré e proto-históricos que as autoras têm em mãos<sup>3</sup>, a peça de Bensafrim foi analisada em Dezembro de 2010, surgindo agora a oportunidade de divulgar o resultado desse estudo.

## 2. A necrópole da Fonte Velha de Bensafrim

Era já conhecido o interesse arqueológico do sítio da Fonte Velha de Bensafrim quando Estácio da Veiga aí iniciou os seus trabalhos em 1878 (Veiga 1891: 250 e segs.). As escavações que realizou permitiram-lhe identificar, na realidade, duas necrópoles, uma da Idade do Ferro, de inumação, a que se sobrepôs outra, romana, de incineração. Quase duas décadas depois dos trabalhos pioneiros de Estácio, foi Santos Rocha, também auxiliado pelo reverendo Nunes da Glória, que prosseguiu as investigações, ampliando a área da escavação, realizando nova planta e compreendendo verdadeiramente a estação (Rocha 1975: 127-14; Arruda e Pereira, neste volume). Em anos mais recentes, e com base nas criteriosas informações prestadas pelos dois ilustres arqueólogos, foi possível valorizar culturalmente a necrópole sidérica (Arruda 1999-2000: 57; Correia 1995-1997).

A necrópole ocuparia uma área de mais de 300 m<sup>2</sup>, tendo sido escavadas um total de 31 sepulturas de tipo cista sem qualquer estrutura tumular, à exceção de um caso. Predominavam as de planta rectangular, mas também se encontravam algumas trapezoidais, bem assim como os casos de uma triangular e de uma outra semicircular (construída em alvenaria seca). Uma das sepulturas escavadas por Santos Rocha era de inumação dupla, possuindo também planta mais complexa (Rocha 1975: 130). Ignoramos em rigor de que forma seriam feitos os enterramentos, mas é admissível, tendo em contas as dimensões de algumas das cistas (1,10 m a 1,35 m de comprimento e 0,70 m a 0,80 m de largura), que o fossem em decúbito lateral, ou de cócoras, como bem observou Santos Rocha (1975: 133). O espólio cerâmico era residual, predominando as contas de colar, algumas oculadas, e ainda alguns objectos metálicos. Foi precisamente a sepultura B, sobre a qual viria a ser construída o que se supôs ser uma casa romana, que forneceu o maior número de artefactos, concretamente dezoito contas de vidro azul, três braceletes abertos de cobre, uma argolinha de ouro, fragmentos de urna e ossos queimados (Veiga 1891: 253).

Conforme já foi sublinhado por Ana Margarida Arruda, o que surpreende nesta extensa necrópole é o contraste entre a sua dimensão e a escassez dos materiais (Arruda 1999-2000: 57). E se tomarmos em conta a invulgar concentração de lápides epigrafadas (um total de seis) com escrita do Sudoeste, uma das quais, pelo menos, servira de tampa (com a inscrição voltada para baixo) a uma das sepulturas (Rocha 1975: 134), teremos de reconhecer a invulgar importância de todo o conjunto. Nesse mesmo

---

<sup>1</sup> Deu entrada com o n.º inv. 7674 (Rocha 1905: 105) tendo correspondência no novo inventário a 09.A.216.

<sup>2</sup> Por exemplo, em 1996, no Museu Nacional de Arqueologia, na exposição “De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.” (*Catálogo* 1996: 228-229) e, em 1997-98, no Museu Municipal de Portimão, na exposição “Outras Viagens, outros Tempos, outro Algarve” (*Jornal da Exposição*).

<sup>3</sup> Investigação desenvolvida no âmbito do projeto “Questionando o Bronze e o Ouro: produção e deposição do metal na Idade do Bronze do Ocidente Peninsular”, apoiado financeiramente pela Fundação Calouste Gulbenkian, a quem se agradece. Agradecemos igualmente aos responsáveis do Museu Municipal Dr. Santos Rocha a autorização para o estudo do disco e muito em especial à Dr.ª Sónia Pinto por todo o apoio prestado.

sentido, Virgílio Hipólito Correia admitiu a existência de um centro de notável predominância em Bensafrim tendo em conta a quantidade de inscrições (Correia 2000: 705-708). Naturalmente que a existência do disco em ouro, a que se deve juntar uma segunda peça (pequena argola) no mesmo material proveniente das escavações realizadas por Estácio da Veiga, reforçam o carácter elitista de, pelo menos, algumas das tumulações de Bensafrim. Por outro lado, tem-se insistido na inexistência de um povoado coevo correlacionado com a necrópole (Arruda 1999-2000: 57; Correia 2000: 708) ou que, pelo menos, a existir, não foi ainda possível identificar.

Importa ainda chamar a atenção para a longa diacronia de ocupação da área da necrópole, continuidade essa que deverá traduzir importante carga simbólica do sítio no devir da transmissão e reconstrução das memórias das comunidades. Para além da perenidade de utilização em termos funerários que as necrópoles sidérica e romana testemunham, de resto e ao que parece circunstancialmente entrosadas como é o caso do depósito luso-romano de cinzas no interior de uma sepultura sidérica (Rocha 1975: 131), deverá ser ainda recuperada uma outra informação de Santos Rocha relativa a achados superficiais na mesma área de cerâmicas neolíticas, de outras idênticas às da necrópole da Campina, i.e. calcólíticas<sup>4</sup>, e algumas ainda de feição árabe (Rocha 1975: 131).

É neste quadro de verdadeiro palimpsesto que Nunes da Glória viria a encontrar o disco de ouro junto a uma urna cinerária, enviando-o depois ao arqueólogo figueirense (Rocha 1904: 64). Quer um, quer outro intuem, corretamente e não obstante as circunstâncias de achado, uma cronologia pré-romana para o disco. Tem sido pacífica a sua integração nos sécs. VII-VI a.C. e este estudo não o desmente.

### 3. O disco

Trata-se de fina chapa de ouro (Fig. 2 e 3) com orifício circular no centro encontrando-se hoje ligeiramente deformada e fissurada. O seu diâmetro máximo é de 3,6/3,7 cm e a espessura de 0,09 mm; o peso é de 1,1 g. O disco não corresponde a um objeto completo nem teria uso independente ou autónomo. Pelo contrário, seria fixado sobre um suporte (tecido, couro, osso, madeira?), conforme revelam o rebordo externo, que está dobrado para trás, enquanto o interno está dobrado para cima. Uma pedra ou outro material seria engastado no orifício central, cujo diâmetro é de 0,4 cm. Daí resultaria, provavelmente, efeito bicromático com finalidade simbólica ou, tão-só, estética.

O disco apresenta profusa decoração executada em relevo por cinzelagem (Fig. 4, 5 e 6). As linhas foram traçadas com cinzéis e a restante ornamentação realizou-se com punções que possuíam um elemento decorativo inerente. Quer dizer que os punções foram concebidos de modo a possuírem um motivo específico em relevo para ser imprimido na chapa. No caso deste disco correspondem a séries de motivos repetidos distribuídos em bandas concêntricas. Quatro linhas foram traçadas com um cinzel reto. Da periferia para o centro, observa-se uma primeira banda decorativa no rebordo externo, ladeada por duas linhas em relevo, que contem uma série de impressões de punção com motivo em forma de S. Na larga banda intermédia encontra-se motivo complexo concebido radialmente e distribuído por dez secções. Metade dos segmentos está composta por dupla espiral com pequeno círculo entre as espirais. A outra metade integra-se alternadamente entre estas espirais

---

<sup>4</sup> Tais materiais encontram-se, quase todos por estudar, no Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Destacamos, por exemplo, um pequeno machadinho de fibrolito (Guerra e Ferreira 1979: 323), uma lasca de sílex “com cavidades em um dos bordos” (Rocha 1905: 39) e que verificámos não ser mais do que um elemento de foice, cerâmicas diversas, lisas e decoradas, entre as quais se encontra uma colher, bem como um interessante ídolo em pedra a urgirem publicação.

duplas e apresenta uma composição de motivo estilizado, provavelmente de uma abelha, e duas a quatro linhas pontilhadas retas ou curvas. Na parte central que delimita o orifício foram definidas as outras duas linhas em relevo.

### 3. A “caixa de ferramentas” e a técnica de cinzelagem

Numa perspectiva tecnológica, o estudo do disco de Bensafrim permite-nos recuperar, até certo ponto, gestos que não observámos e instrumentos de trabalho que não se conservaram. Quanto a estes, e embora virtuais porque não os conhecemos, fariam parte de um *kit* de trabalho da “caixa de ferramentas” do ourives a quem o disco foi encomendado. E, nessa caixa, encontravam-se, pelo menos, sete punções ou cinzéis distintos (Fig. 7)<sup>5</sup>: um reto, um em forma de S, um outro pequeno circular, um em forma de espiral dupla, um em forma de “abelha”, um reto com seis pequenas bocetas ou corcovas e um curvo também com sete pequenas corcovas. Vê-se que as espirais duplas foram realizadas com ajuda de um punção possuindo esse desenho, porque aparece o mesmo defeito sobre cada impressão de ferramenta. Talvez existisse ainda um punção com dois ou três círculos concêntricos para obter o motivo central.

A cinzelagem é uma técnica decorativa da ourivesaria que dá volume ou relevo a uma chapa fina de ouro (Destrée 1983; Bois 1999). Efetua-se a frio e sem remoção da matéria. Os cinzéis (sem motivo) e os punções (com um motivo) são feitos a partir de hastes em metal (bronze ou ferro), mas também podem ser em osso ou outro material duro. As hastes possuem uma extremidade que receberia os impactos do martelo, enquanto a outra se encontra trabalhada com o motivo a imprimir na superfície da chapa. Estas ferramentas fundamentais da cinzelagem são utilizadas em articulação com um instrumento de percussão, como um martelo, em pedra ou em metal, sendo ainda imprescindível a existência de matéria elástica de suporte que permitiria a modelação plástica da chapa. Esse material, ou pez do cinzelador, é constituído hoje em dia por pez grega de almagre, de sebo e de terebintina. A receita do pez arcaico não é, porém, conhecida. A chapa de ouro deveria ser fixada sobre o pez pegajoso, que era aquecido para esse fim, podendo depois ser trabalhada dos dois lados, dependendo do relevo desejado. Seriam ainda necessários ao ourives um compasso e uma ponta para definir e traçar a distribuição da decoração sobre o disco e de segmentar o círculo em cinco secções. A obra foi finalizada por polimento com auxílio de uma matéria fina, por exemplo cinzas.

Comparativamente ao volume de obras produzidas nas Idades do Bronze e do Ferro são poucos os instrumentos de trabalho conservados, quer à escala peninsular, quer europeia. Ferramentas de cinzelagem em bronze conhecem-se em contextos de depósito e funerário (Armbruster 2001; Jiménez Ávila 2002: 309). Cinzéis e punções em associação com martelos de alvado em bronze aparecem desde a Idade do Bronze Final, como bem ilustram os depósitos franceses de Larnaud (Jura) e de Gévelard (Saône-et-Loire) (Armbruster 2008). E, recentemente, o estudo do equipamento de ourives da Idade do Ferro do túmulo de Cabezo Lucero (Alicante, Espanha) deu também a conhecer, entre outros, instrumentos como cinzéis, punções, um martelo de alvado e matrizes para a produção de elementos decorativos em chapa (Perea e Armbruster 2011).

No território português conhecem-se igualmente diversos punções e cinzéis, seja em contexto

---

<sup>5</sup> Agradecemos a José Luís Madeira (Departamento de História, Arqueologia e Artes da FLUC) a concepção deste conjunto de cinzéis com base nos motivos decorativos.



de habitat, seja em depósitos. Pelo contrário, não há registo de martelos em bronze, o que só se explica pelo recurso preferencial a martelos de pedra de uso possivelmente casuístico e descartável. Mas os punções, embora de dimensão e robustez muito variáveis, são sempre retos. Por isso continua a ser excepcional o caso do punção decorativo do povoado da Moreirinha (Monsanto, Idanha-a-Nova) datável do Bronze Final (Vilaça 1995: 228, 338 e Est. CCXLV-3; Vilaça 2005). Trata-se de um punção circular, terminado em meia esfera oca, utilizado na decoração de pequenos círculos (Fig. 8).

#### 4. Discos, botões e apliques

O disco de Bensafrim integra-se numa vasta família de peças de ouro de uso muito diverso — discos, botões, apliques — que se exibiam mediante a respetiva fixação sobre outros tipos de suporte. Neste sentido, nenhuma delas é, em si mesmo, um objeto específico e completo, constituindo antes parte de um todo, em regra desconhecido.

Contextos e cronologias são igualmente variados, correspondendo as doze estações do território português<sup>6</sup> que forneceram peças como a que ora nos ocupa a situações de natureza habitacional, funerária, cultural e de depósito (vulgarmente designados por “tesouros”), das Idades do Bronze e do Ferro (Quadro 1). É manifesto o desconhecimento rigoroso dos contextos de achado da maioria das peças. Com exceção das que decorreram de escavações mais recentes, como as de Fonte Santa e do Castro de Ratinhos, onde foi possível fazer um registo adequado, em todos os outros casos a informação é mais vaga ou mesmo bastante mais imprecisa. É também notório, face à documentação conhecida, que o uso de discos, botões ou apliques terá tido maior aceitação na Idade do Ferro e nesta, na sua fase inicial.

No caso dos discos, a sua distribuição tem alcance europeu embora com marcada distribuição na área atlântica. Aqui, é igualmente ampla a sua cronologia, já que os primeiros discos em ouro são conhecidos pelo menos desde o Bronze Antigo, em contextos funerários e de depósitos, por exemplo na Irlanda e no Noroeste peninsular, sendo a sua principal característica, como diversos investigadores bem têm sublinhado, os achados aos pares, caso dos de Cabeceiras de Basto (Braga) (Fig. 9), talvez associado a uma lúnula, e de Oviedo (Armbruster e Parreira 1993: 56-57; 166-167; Case 1977). Um exemplo comparável da associação rara de um par de discos com uma lúnula apareceu recentemente na Irlanda (Kelly e Cahill 2010).

Ao longo da Idade do Bronze parecem ter perdido relativo protagonismo para voltarem a conhecer expressiva relevância na I Idade do Ferro. Todavia, é naquele período que se insere o magnífico e exclusivo exemplar de Sobreiral (Ninho do Açor, Castelo Branco), se bem que permaneça em aberto uma cronologia rigorosa mais precisa. Com 11 mm de diâmetro, apresenta decoração repuxada com cinquenta cones e três linhas de pontilhado na moldura (Fig. 10) (Armbruster e Parreira 1993: 170; 172-173).

Na Idade do Ferro os discos tanto foram usados de modo singular como formando conjuntos de vários. Entre aqueles contam-se, para além do de Bensafrim, os de Fonte Santa (Ourique), com suporte, incompleto, em prata e decoração centrada (Beirão 1986: 71) e de Conimbriga (Condeixa-a-Nova), neste caso com suporte de bronze, exibindo decoração com sete circunferências (Correia

---

<sup>6</sup> De todos os exemplares inventariados, apenas desconhecemos, por se manter inédito, o do Castro de S. Bento (Évora), adquirido por compra, em 1957, para o Museu Nacional de Arqueologia (Machado 1965: 120). Não nos foi possível averiguar a situação desta peça, sabendo-se apenas que não se encontra incluído na respetiva Matriz (agradecemos a Sr.<sup>a</sup> D. Luísa Guerreiro esta informação).

1916: 261), sendo, respetivamente, de contextos funerário (sepultura b do túmulo 4) e habitacional.

Conjuntos de discos foram encontrados em Fortios (Portalegre) (Ferreira 1964) (Fig. 11), Outeiro da Cabeça (Torres Vedras) (Heleno 1935: 254-257) e Castro dos Ratinhos (Moura) (Berrocal-Rangel e Silva 2010: 321-326), correspondendo a tesouros ou depósitos, neste último caso efetuado em contexto de carácter cultural e em edifício específico num povoado.

Não pela forma, que é cónica, mas pelo número e carácter repetitivo como estes últimos, devem ainda ser mencionados outros exemplares auríferos<sup>7</sup> conhecidos no território português como são os seis apliques com pequena aba de São Martinho (Alcácer do Sal) (Fig. 12) pertencentes a tesouro com várias espirais datável do Bronze Médio (Armbruster e Parreira 1993: 168-169), ou as doze aplicações do tesouro de Baião (concelho), já da I Idade do Ferro, onde também se encontram um colar articulado, dois pares de arrecadas e uma pulseira ou gargantilha (Silva 1991). De forma cónica seriam os dois exemplares, hoje perdidos, achados conjuntamente com um diadema em Mira de Aire (Porto de Mós) (Heleno 1935: 235, fig. 3; Armbruster e Parreira 1993: 42-43).

Verifica-se, assim, que, do ponto de vista numérico e, conseqüentemente, se uso e função, são três as situações conhecidas: casos singulares, como os de Bensafrim, Conímbriga e Fonte Santa, a que correspondem também as peças de maior dimensão, com destaque para a de Sobreiral, com 111 mm de diâmetro; situações aparentemente só com pares, como Cabeceiras de Basto e Mira de Aire; em número, e uso, múltiplo, como revelam os conjuntos de São Martinho, Baião, Outeiro da Cabeça, Fortios e Ratinhos, bem característico de inícios da Idade do Ferro do território português.

A diversidade não se reduz à forma, dimensão e número de peças por achado. Variáveis são também as soluções de fixação nos respetivos suportes, aspeto particularmente importante porque nos indica, ou pelo menos sugere, a natureza destes e, portanto, a funcionalidade efetiva de cada caso. Utilizaram-se pelo menos três sistemas de prensão distintos: com perfuração (com dois ou quatro orifícios, central ou periférica), como nos discos de Cabeceiras de Basto (Fig. 9), de São Martinho (Fig. 12) e de Mira Daire; com presilha, quer pequena e central, como no de Sobreiral, quer em fita, curta, como nos de Fortios (Fig. 11), por exemplo, ou abrangendo o diâmetro dos discos, como nos de Baião; com rebordos dobrados, como nos de Conímbriga e de Bensafrim (Fig. 13).

Parece ser possível deduzir que o primeiro sistema, com perfurações, se circunscreve aos discos mais antigos, o que se articula bem com uma tecnologia mais simples característica das fases mais antigas da Idade do Bronze.

Com as duas primeiras soluções, discos, botões e apliques podiam ser cosidos, i.e. fixados com auxílio de um fio directamente sobre superfícies maleáveis como tecidos, nomeadamente peças de vestuário sumptuárias. Evidências arqueológicas como a do excepcional caso das sepulturas 4, 36 e 43 de Varna (Bulgária) e outras que também contemplam pequenos apliques em bronze, como os casos das tumulações de Lübz (Mecklenburg, Norte da Alemanha), de Hügel (Starnberg, Munique) (Randsborg 2011: 78), suportam esta interpretação, indicando uso em capas, mantos e saias. A este propósito, deve também ser sublinhada a importante observação dos responsáveis pela escavação do Castro dos Ratinhos que identificaram, junto aos sete botões, um pedaço de terra argilosa com impressão do tecido ao qual eles estariam cosidos (Berrocal-Rangel e Silva 2010: 322 e fig. 150).

Com a terceira solução os discos seriam fixados sobre suportes rígidos e duros, como madeira, couro ou metal. Neste campo, abrem-se múltiplas hipóteses quanto ao tipo de objetos de que fariam parte, pelo que não podemos apontar, de modo devidamente fundamentado, qual o objeto em que se integraria o disco de Bensafrim.

---

<sup>7</sup> Peças formalmente idênticas, em cone ou calote, mas executadas em bronze, são bem conhecidas em contextos do Bronze Final.

Por vezes, as delicadas folhas de ouro das peças eram reforçadas, pelo reverso, com uma alma rígida em outro metal, como encontramos nos discos de Conimbriga, com suporte em bronze, e no de Fonte Santa sobre placa de prata<sup>8</sup> (Beirão 1986: 71). No norte da Europa são bem conhecidas jóias e outros objetos de prestígio em bronze decorados e de discos em fina chapa de ouro. Botões, alfinetes e fibulas da Dinamarca e do norte da Alemanha, mas também o carro votivo de Trundholm (Dinamarca), integram-se neste grupo de objetos discóides, bimetálicos e bícromos (Armbruster 2010: 280).

Numa realidade completamente distinta, mas que faz sentido referir neste texto, encontram-se outros discos metálicos. Num caso, cujo contexto foi recentemente valorizado (Comendador Rey e Méndez Fernández 2009), temos o disco de bronze do chamado “tesouro de Urdiñeira” (A Gudiña, Ourense), bimetálico, por integrar também dois braceletes de ouro fabricados pelo método da cera perdida e relacionáveis com a ourivesaria de âmbito Villena / Estremoz, estudados por uma de nós (Armbruster 2000: 209 e Tafel 98 e 99). Trata-se de um disco (4,5 cm de diâmetro) formalmente distinto de todos os outros por apresentar uma das faces convexas decorada com ranhuras puncionadas e abertura central cruciforme, também fabricado pelo método da cera perdida (Comendador Rey e Lackinger 2011). O outro caso, que mereceria estudo aprofundado, corresponde ao disco metálico<sup>9</sup> de grande dimensão (7,5 x 7 cm) recolhido na estrutura periférica do dólmen dos Moinhos de Vento (Arganil) (Senna-Martinez e Luz 1983: 113 e fig. 10; Leisner 1998: 141 e Tafel 117).

Do ponto de vista formal, funcional e tecnológico, os paralelos mais próximos para o disco de Bensafrim encontram-se nos de Conimbriga e de Fonte Santa. Com o primeiro partilha o mesmo sistema de prensão, de rebordo, para prender na superfície de base; com o segundo, e aliás também com o de Arganil atrás mencionado, oferece idêntica solução decorativa que passaria pela integração no orifício central de um outro elemento (pedra, âmbar, marfim, coral?) com efeito decerto cromático. Tal como os dois primeiros, os motivos decorativos foram executados por cinzelagem.

Não obstante estas similitudes técnico-estilísticas, o disco de Bensafrim distancia-se, em parte, dos demais pelo programa iconográfico que exhibe. É que, para além de uma composição de motivos concêntrica e raiada, incorpora dois motivos particulares, um deles não geométrico — a dupla espiral e a abelha —, que se repetem de forma alternada.

Diversos trabalhos que se têm debruçado sobre a ourivesaria, iconografia e simbólica das sociedades arcaicas, nomeadamente do mundo circum-mediterrâneo orientalizante, encaram a dupla espiral como símbolo da fecundidade (Nicolini 1990: 616). Quanto à representação da abelha, sendo familiar aos mundos egípcio e micénico, foi igualmente motivo de reinterpretação por parte dos Fenícios e do mundo que influenciaram como bem ilustram, por exemplo, o anel do túmulo 18 de Cádiz (López de la Orden e García Alfonso 2010: 318) onde esse animal está presente. Em estudo mais aturado, Fernández Uriel (2004)<sup>10</sup> debruça-se sobre a simbologia da abelha e seus atributos sublinhando o seu carácter mágico-religioso inerente à própria natureza, simultaneamente religioso e económico, i.e. como símbolo de divindade da fertilidade, de riqueza e de produção. Entre os Fenícios a sua vinculação ao culto de Astarté manifestou-se pelo poder no campo da fertilidade e também como protetora na morte.

---

<sup>8</sup> O disco (Au 982) encontra-se atualmente separado da respetiva placa de suporte que possui pequena presilha circular central de fixação.

<sup>9</sup> As publicações não identificam a matéria-prima do disco, mas talvez o indicassem de forma explícita caso fosse em ouro. Não nos foi possível observá-lo. Segundo Schubart (1975: 158) encontra-se guardado no Seminário de Gouveia.

<sup>10</sup> Agradecemos a Ana Margarida Arruda a chamada de atenção para este trabalho.

Pela cronologia, contexto arqueológico e âmbito cultural, a linguagem iconográfica do disco de Bensafrim poderá aproximar-se destes considerandos. Mas não devemos ignorar uma outra dimensão simbólica inerente à forma e matéria-prima. Como é sabido, os discos de ouro, de cor amarela, próxima da do Sol, são normalmente relacionados com o seu culto, de tradição milenar (Kaul 2004).

Em síntese, o disco de Bensafrim, pela matéria-prima, simbolismo formal e iconográfico, deve ser interpretado como elemento de prestígio ou de *status*, de âmbito funerário e certamente de cariz individual. Contudo, não é possível determinar, em absoluto, o tipo de objeto em que se integraria. O valor intrínseco e social do ouro foi sublinhado nesta peça, que atribuímos à I Idade do Ferro, pela incorporação de simbólica oriental manifestamente estranha às tradições indígenas do Extremo Ocidente Peninsular. Tratar-se-á, de certa forma, de um fenómeno de recontextualização cultural recuperando um tipo de suporte cujas origens mais profundas e longínquas remetem para inícios da Idade do Bronze. Por outro lado, não deve ser ignorado que na área de achado do disco foram recolhidos outros materiais de cronologias diversas (neolítica, calcolítica, sidérica, romana e árabe), o que confere importante carga simbólica ao próprio sítio, expressando também um processo sequencial de temporalidades múltiplas (Lucas 2005: 39).

## Bibliografia

- ALARCÃO, J. & SANTOS, A.I. (1996) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- ARMBRUSTER, B. (2000) – *Goldschmiedekunst und Bronzetechnik. Studien zum Metallhandwerk der atlantischen Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel*, Monographies 15 instrumentum, Montagnac, ed. Monique Mergoil.
- ARMBRUSTER, B. (2001) – Zu bronzezeitlichen Werkzeugen der plastischen Verformung im nördlichen und westlichen Europa. In W. H. Metz, B. L. van Beek e H. Steegstra (eds.), *Patina. Essays presented to Jay Butler on the occasion of his 80th birthday*, Amsterdam, 7-26.
- ARMBRUSTER, B. (2008) – Outillage de métallurgiste de l'âge du Bronze: les dépôts de Larnaud (Jura) et Gévelard (Saône-et-Loire), *Bulletin de l'Association pour la Recherche sur l'Âge du Bronze*, 5, 38-41.
- ARMBRUSTER, B. (2010) – Tauschieretechnik im bronzezeitlichen Nord- und Mitteleuropa. In H. Meller e F. Bertemes (eds.), *Der Griff nach den Sternen. Internationales Symposium in Halle (Saale) 16-21, Februar 2005*, Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte 5/II, Halle, 779-789.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993) – *Coleção de ourivesaria I. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000) – *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*, Cuadernos de Arqueologia Mediterránea 5-6, Publicaciones del Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona.
- ARRUDA, A.M. & PEREIRA, C. (neste volume) – De Santa Olaia a Bensafrim: Itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve.
- BERROCAL-RANGEL L. & SILVA A.C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura)*, suplemento 6, *O Arqueólogo Português*, Lisboa.
- BEIRÃO, C.M. (1986) – *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal – 1<sup>er</sup> Age du Fer*, Paris, Diffusion de Boccard.
- BOIS, G. (1999) – *La ciselure et ses techniques*, Paris, édition H. Vial.
- CASE, H. (1977) – An early accession to the Ashmolean Museum. In V. Markovic (ed.), *Antient Europe and the Mediterranean. Studies presented in honour of Hugh Hencken*, Warminster, 18-34.
- COMENDADOR REY, B. & MÉNDEZ FERNÁNDEZ, L. (2009) – A recuperación dun contexto para un “tesouro” prehistórico: un proxecto de investigación e valorización patrimonial para o Monte Urdiñeira (Rios-A Guadiña, Ourense), *Revista Aquae Flaviae*, 41, 25-43.
- COMENDADOR REY, B. & LACKINGER, A. (2011) – The bronze disk of “A Urdiñeira” hoard A Gudiña, Ourense, Spain, *Conservação e técnicas de análise para o estudo e salvaguarda do património metálico – AuCORRE*, Lisboa, MNA.
- CORREIA, V. (1916) – Conímbriga. A camada pré-romana da cidade, *O Archeologo Português*, série 1, 21, 252-264.
- CORREIA, V.H. (1995-1997) – A epigrafia pré-latina de Bensafrim, *O Archeologo Português*, série 4, 13-15, 181-209.
- CORREIA, V.H. (2000) – Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal, *Revista de Guimarães*, vol. especial [*Actas do Congresso de Proto-história Europeia*, vol. 2], 699-714.
- DESTRÉE, M. (1983) – Repoussé, stamping, chasing and punching. In T. Hackens & R. Winkes (eds.), *Gold jewelry. Aurifex 5*, Louvaine la Neuve, 171-180.
- FERNÁNDEZ URIEL, P. (2004) – La moneda de Rusaddir. Una hipótesis de trabajo, *Gérion*, 22 (1), 147-167.
- FERREIRA, O.V. (1974) – Notícia da descoberta de jóias auríferas no distrito de Portalegre, *Estudos Italianos em Portugal*, 37, 79-82.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O.V. (1979) – A importante coleção de instrumentos de fibrolite do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz, *Revista de Guimarães*, 89, 321-326.
- HELENO, M. (1935) – Jóias pré-romanas, *Ethnos*, I, 229-257.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002) – *La Toréutica Orientalizante en la Península Ibérica*. Real Academia de

la Historia, Madrid, BAH 16.

KAUL, F. (2004) – *Bronzealderens religion. Studier af den nordiske bronzealders ikonografi*. Nordiske Fortidsminder, Kopenhagen.

KELLY, E.P. & CAHILL, M. (2010) – Safe secrets 1 - an early Bronze Age detective story from County Roscommon. *Archaeology Ireland*, 5-6.

LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel – Der Westen*, Lfg. 4. Aus dem Nachlaß zgest. von Ph. Kalb. Madrider Forschungen 1. Berlin - New York.

LÓPEZ de la ORDEN, M.D. & GARCIA ALFONSO, E. (eds.) (2010) – Cádiz y Huelva. *Puertos Fenicios del Atlántico*, Cajasol e Junta de Andalucía.

LUCAS, G. (2005) – *The Archaeology of Time*, Routledge.

MACHADO, J.L.S. (1965) – *Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Lisboa. [*O Arqueólogo Português*, Nova Série, Tomo V].

NICOLINI, G. (1990) – *Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VIIe. au IVe. Siècle*, I e II, Paris.

PEREA, A. & ARMBRUSTER, B. (2011) – Tomb 100 at Cabezo Lucero: new light on goldworking in the fourth-century BC Iberia, *Antiquity* 85, 158-171.

PEREIRA, I. (1994) – As “excursões” científicas ao Algarve - viagens. In Pereira, I. & Cardoso, A.P. (coord.), *Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Centenário (1894-1994)*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, Museu, Serviços Culturais, 165-169.

PEREIRA, I. (1997) – Santos Rocha e a arqueologia do Algarve. In *Noventa Séculos entre a serra e o mar*, Lisboa, IPPAR, 45-57.

RANDBORG, K. (2011) – *Bronze Age Textiles. Men, Women and Wealth*, London, Bristol Classical Press.

ROCHA, A.S. (1904) – Estudo sobre um artefacto pré-romano d’ouro descoberto no Algarve, *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha* 2, 64-67.

ROCHA, A.S. (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo Geral*, Figueira, Imprensa Lusitana.

ROCHA, A.S. (1975) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim, *Memórias e Explorações Arqueológicas III*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis. [texto inicialmente publicado na *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, 1896, IV, Porto, 129-145].

SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen Band 9, Walter de Gruyten & Co., Berlin.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & LUZ, A.M. (1983) – O megalitismo da bacia do Alva, *O Arqueólogo Português*, série 4, 1, 103-118.

SILVA, A.C.F. (1991) – O Tesouro de Baião, *Bayan*, 2, Dezembro, 42-51.

VEIGA, S.E. (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos IV*, Lisboa, Imprensa Nacional.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Lisboa, Trabalhos de Arqueologia 9, IPPAR.

VILAÇA, R. (2005) – Metalurgia do Bronze Final no Entre Douro e Tejo português: contextos de produção, uso e deposição. In Perea, A. (dir.), *Espacios Tecnológicos, Espacios de Poder. La transición Bronce Final-Hierro en la Península Ibérica*, Madrid, Depart. de Prehistoria, Instituto de Historia, CSIC [<http://www.ih.csic.es/arqueometalurgia/archdes.htm>].

**Quadro 1**

<b>Discos/Botões</b>	<b>Número</b>	<b>Tipo</b>	<b>Tipo de fixação</b>	<b>Contexto</b>	<b>Cronologia</b>
Cabeceiras de Basto	2	planos	com perfuração	depósito	Bronze Médio
São Martinho	6	calote	com perfuração	depósito	Bronze Médio
Mira Daire	2	cónico	com perfuração	depósito	Bronze Médio
Sobreiral	1	plano	com presilha	depósito	Idade do Bronze
Bensafrim	1	plano	com rebordo	funerário	I Idade do Ferro
Baião	12	calote	com presilha	depósito	I Idade do Ferro
Fortios	15 + 41	planos	com presilha	depósito	I Idade do Ferro
Outeiro da Cabeça	30 a 47	planos	com presilha	depósito	I Idade do Ferro
Fonte Santa	1	plano	com presilha	funerário	I Idade do Ferro
Conimbriga	1	plano	com rebordo	habitat	Idade do Ferro
Castro dos Ratinhos	7	planos	com presilha	habitat /depósito cultural	I Idade do Ferro
Castro de S. Bento	1	?	?	habitat	?

*Fig. 13*



Fig. 1 - Disco de Bensafirim (Desenho de Rita Jardim).





Fig. 2 - Disco de Bensafrim (anverso).



Fig. 3 - Disco de Bensafrim (reverso).



Fig. 4 - Disco de Bensafrim (decoreção em relevo por cinzelagem).



Fig. 5 - Disco de Bensafrim (pormenor da decoracção).



Fig. 6 - Disco de Bensafrim (pormenor da decoração; motivo estilizado, provavelmente uma abelha).



Fig. 7 - Idealização dos cinzéis utilizados na decoração do Disco de Bensafrim (seg. José Luís Madeira).

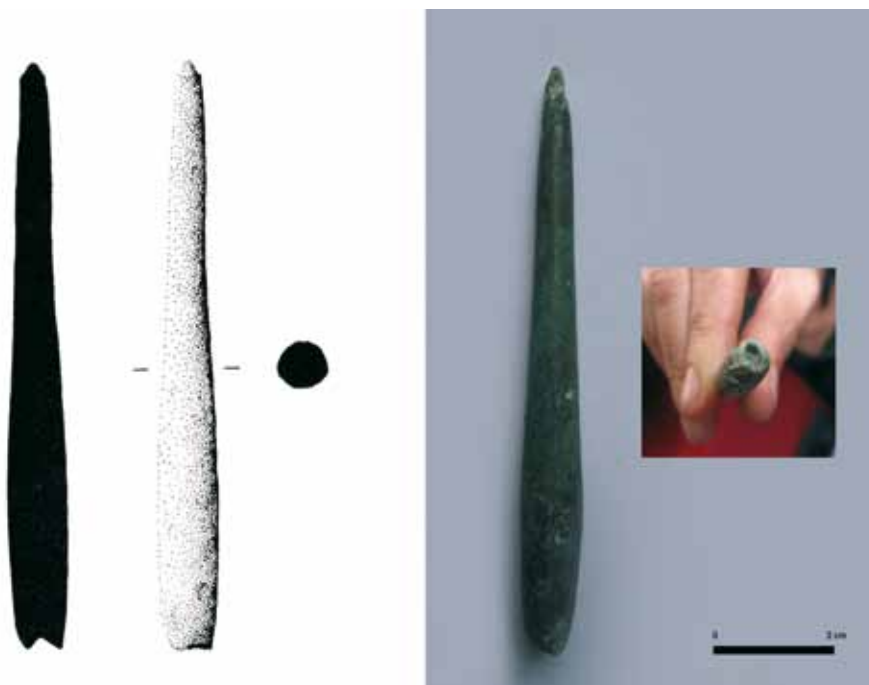


Fig. 8 - Punção circular do Povoado da Moreirinha (Idanha-a-Nova).



Fig. 9 - Discos de Cabeceiras de Basto (Braga).



Fig. 10 - Disco de Sobreiral, Ninho do Açor (Castelo Branco).



Fig. 11 - Discos de Fortios (Portalegre).



Fig. 12 - Apliques em aba de S. Martinho (Alcácer do Sal).



Fig. 13 - Disco de Bensafrim







## Resumos

*Ana Cristina Martins*

António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910) e a arqueologia na viragem do novo século.

António dos Santos Rocha (1853-1910) viveu numa época assaz estimulante e complexa da história portuguesa, e certamente numa das mais decisivas para a investigação arqueológica conduzida no país. Entre planos animados por empenhos e recursos pessoais, e outros tantos frustrados por insensibilidades e impossibilidades institucionais, a arqueologia foi rompendo caminho por entre elites que lhe reconheciam valências na afirmação da ciência nacional e no desenvolvimento cultural do território. Foi, com efeito, um período de encantos e desencantos; de conquistas e contratempos, protagonizados por figuras determinantes no longo processo de institucionalização da arqueologia no país. Entre eles, a de Santos Rocha, figura ímpar da produção científica e exemplo maior de quem, com os instrumentos devidos, soube concretizar um projecto de âmbito regional, transformando-o porém num modelo de actuação passível de ser seguido por demais cultores da ciência arqueológica. Traduzido nas actividades da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz (1898), nas publicações do seu Boletim e no Museu Municipal (1894), o seu labor demonstrou quão próximo se encontrava do desenvolvimento arqueológico registado entre nós e além-fronteiras, contribuindo para o seu engrandecimento, mediante estudos e acções de protecção e divulgação dos sítios que identificava.

*Pedro M. Callapez e Miguel Carvalho*

Contributos da envolvente geológica para o povoamento da Serra da Boa Viagem durante a Pré-história Recente.

O povoamento e antropização do maciço calcário da Serra da Boa Viagem, no decorrer da Pré-história Recente e, em especial, durante o Neolítico, obedeceu a uma série de condicionantes ambientais locais, das quais as de natureza geomorfológica e geológica (litologia, estrutura, abundância de matérias-primas) terão contribuído fortemente para uma melhor adaptação das populações ao meio natural envolvente. O volume de dados sobre locais de ocupação e monumentos megalíticos funerários sugere um modelo de repartição espacial em três faixas que seguem o desenvolvimento longitudinal das unidades calcárias e greso-argilosas e depósitos arenosos. A norte, em áreas arenosas situadas junto ao sopé do maciço calcário, encontram-se estações de superfície representativas do Mesolítico ao Calcolítico e possível Bronze Inicial. À cumeada calcária da serra corresponde o longo alinhamento de megalitos. Por fim, os locais de ocupação neolíticos estão, sobretudo, presentes no seio da bacia de drenagem do rio de Carritos, em zonas de depósitos arenosos circundados por lutitos vermelhos de idade jurássica, ricos em matéria-prima para a produção de cerâmica.

*João Luís Cardoso*

António dos Santos Rocha (30 de Abril de 1853; 28 de Março de 1910) e a exploração arqueológica das grutas da Columbeira (Bombarral).

Com base na documentação publicada que foi possível compulsar e ter acesso, pretendeu-se reconstituir a actividade da Sociedade Santos Rocha na exploração arqueológica de diversas grutas naturais da Estremadura, procurando-se identificar os respectivos intervenientes, os objectivos a atingir e os resultados obtidos.

*Rui Boaventura*

O “Pae Rocha” e o Megalitismo de Monforte (Alentejo): luz sobre as antas pesquisadas através do Arquivo Leisner.

Nos últimos anos da primeira década do século 20 foram realizadas as primeiras escavações arqueológicas conhecidas na região de Monforte (Alentejo), promovidas por António Santos Rocha, mas concretizadas por António Sardinha e Luiz Wittnich Carrisso em 5 antas daquele concelho. Se a resposta a questões científicas, pertinentes à época, terá regido aquelas intervenções, o enriquecimento do acervo museológico da Sociedade Arqueológica de Santos Rocha e o seu Museu Municipal, foi com certeza outro dos motivos, pacificamente justificado pela ligação que ambos os intervenientes tinham com aquela instituição, obstando a entrega ao centralizador Museu Etnológico. Assim, procura-se nesta apresentação ilustrar sucintamente as condições que tal acção foi desenvolvida, bem como quais as antas intervencionadas e as leituras hoje possíveis para aqueles espólios no âmbito do Megalitismo alentejano.

*João Perpétuo e Luís Filipe Gomes*

A Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital, Coimbra) um século depois de Santos Rocha.

Tendo como ponto de partida a intervenção arqueológica desenvolvida por Santos Rocha em finais do século XIX, apresentam-se os resultados da escavação, restauro e valorização promovida pelo Município de Oliveira do Hospital

e executada pela firma ARQUEOHOJE no Dólmen do Seixo da Beira (Oliveira do Hospital, Coimbra), também conhecido por Arcainha. Trata-se de um monumento de tipo clássico, sendo composto por uma câmara poligonal alargada de nove esteios e corredor de dimensões medianas aberto a sudeste. Estas duas estruturas, bem diferenciadas em planta e alçado, encontram-se imersas num enorme montículo artificial de terra e pedra, com um diâmetro superior a 20 m. O monumento encontrava-se em adiantado estado de degradação, colocando em causa a estabilidade de todo o conjunto. Com efeito, a câmara apresentava-se já desprovida de dois dos seus esteios e o corredor, do qual haviam sido já removidas todas as tampas de cobertura, achava-se tombado. No decurso dos trabalhos de escavação foi possível verificar que espólio exumado evidenciava duas fases de ocupação: num primeiro momento, o enxoval fúnebre dos inumados incluía micrólitos, lâminas e pontas de seta, em sílex, utensílios em pedra polida e vasos cerâmicos de formas globular ou em calote. Por sua vez as deposições secundárias, pertencentes ao início da Idade do Bronze, caracterizam-se sobretudo pela inclusão de pontas de seta mais evolucionadas e por recipientes cerâmicos campaniformes com as suas típicas decorações impressas.

*Isabel Pereira*

Santos Rocha e o estudo da Idade do Ferro em Portugal.

Este trabalho informa sobre as escavações arqueológicas, realizadas na década de 90, na zona metalúrgica de Santa Olaia, freguesia de Santana, concelho da Figueira da Foz. Estuda, no geral as características da área, incluindo a muralha, os acessos ao povoado e os fornos metalúrgicos. Descreve a tipologia dos fornos exumados, relacionando-os com os materiais arqueológicos encontrados.

*Ana Margarida Arruda e Carlos Pereira*

De Santa Olaia a Bensafrim: itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve.

António dos Santos Rocha esteve directamente ligado à Arqueologia do Algarve, tendo aí efectuado vários e diversificados trabalhos. Nas quatro viagens que efectuou ao Extremo Sul, coligiu informação, recolheu espólios e escavou sítios, tendo-se centrado, na área de Faro e, sobretudo, no Barlavento. A consulta dos dados publicados e da documentação inédita que relata, com detalhe, as viagens por terras algarvias, indica que a primeira delas se destinou, essencialmente, à concretização de um diagnóstico rigoroso da arqueologia local, de forma a poder definir a estratégia a seguir nas “explorações” seguintes. De facto, e como é visível através dos percursos que pudemos traçar com a elaboração dos mapas das viagens, só na primeira delas houve actividade em torno de Faro, ainda que tenha sido no Concelho de Lagos, concretamente em Bensafrim, que permaneceu mais demoradamente. As restantes estadias são já direccionadas, quase em exclusivo, para o Barlavento. Tudo indica que esta fixação em Bensafrim se prendia com a sua ocupação proto-histórica, e, mais concretamente, com as suas características mediterrâneas, de alguma forma, próxima da que o investigador figueirense encontrara em Santa Olaia e para a qual pretendia encontrar paralelos. A actividade arqueológica de António dos Santos Rocha no Algarve foi também diversificada em termos cronológicos. A Idade do Ferro e a época romana dominaram nas primeiras “excursões”, tendo as últimas sido ocupadas pelas épocas pré-históricas. A existência de abundante e bem organizada informação sobre a arqueologia do Algarve, fruto do trabalho que Estácio da Veiga desenvolveu na região, foi certamente determinante na preparação e concretização destas excursões ao sul. De facto, uma Carta Arqueológica como a que estava elaborada para o Algarve permitia que os trabalhos de campo pudessem ser direccionados previamente, facilitando assim um dos seus principais objectivos “... engrandecer as suas colecções” [entenda-se do Museu da Figueira].

*Raquel Vilaça e Barbara Armbruster*

O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve).

Casualmente encontrado, fora do contexto de origem, pelo reverendo José Nunes da Glória e publicado de forma exímia por Santos Rocha, em 1904, o disco de ouro da necrópole de Fonte Velha de Bensafrim é agora reestudado pelas autoras. Após breves considerações sobre o sítio de proveniência, o texto centra-se em meticolosa análise da peça nas suas vertentes formais, tecnológicas, decorativas (círculo, dupla espiral e motivo estilizado, possivelmente de uma abelha), funcionais e simbólicas. Com base no fabrico e nos elementos decorativos, que foram executados por cinzelagem com, pelo menos, sete punções distintos, reconstituiu-se, idealmente, a “caixa de ferramentas” do ourives a quem o disco foi encomendado. O disco não corresponde a um objeto completo nem teria uso independente ou autónomo, mas não foi possível determinar, em absoluto, o tipo de objeto em que se integraria. Pela matéria-prima, simbolismo formal e iconográfico, deve ser interpretado como elemento de prestígio ou de status, de âmbito funerário. É datável da I Idade do Ferro, nomeadamente pela incorporação de simbólica oriental, estranha às tradições indígenas do Extremo Ocidente Peninsular. A propósito desta peça, são ainda revistos, na generalidade, outros discos, apliques e botões auríferos conhecidos no território português.

## Índice

Apresentação .....	9
Nota Prévia .....	11
<i>Ana Cristina Martins</i> .....	13
António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910) e a arqueologia na viragem do novo século.	
<i>Pedro M. Callapez e Miguel Carvalho</i> .....	41
Contributos da envolvente geológica para o povoamento da Serra da Boa Viagem durante a Pré-história Recente.	
<i>João Luís Cardoso</i> .....	53
António dos Santos Rocha (30 de Abril de 1853; 28 de Março de 1910) e a exploração arqueológica das grutas da Columbeira (Bombarral).	
<i>Rui Boaventura</i> .....	63
O “Pae Rocha” e o Megalitismo de Monforte (Alentejo): luz sobre as antas pesquisadas através do Arquivo Leisner.	
<i>João Miguel Perpétuo e Luís Filipe Gomes</i> .....	81
A Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital, Coimbra) um século depois de Santos Rocha.	
<i>Isabel Pereira</i> .....	115
Santos Rocha e o estudo da Idade do Ferro em Portugal.	
<i>Ana Margarida Arruda e Carlos Pereira</i> .....	133
De Santa Olaia a Bensafrim: itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve.	
<i>Raquel Vilaça e Barbara Armbruster</i> .....	153
O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve).	
Resumos .....	173

O presente documento, em formato de Livro, é um testemunho autónomo de várias realidades, todas elas relevantes.

A primeira é que a Figueira da Foz é uma terra cujas gentes, ao longo dos tempos e em todas as gerações, tem sempre cidadãos de elevada estatura, que se perpetuam na memória das gentes, libertando-se da Lei da Morte, e que são demonstração inequívoca e duradoura da alma dessas mesmas gentes.

A segunda é que a dimensão de cidadania desses vultos, mais de cem anos depois da sua morte, é geradora de fenómenos de reforço de coesão geográfica com gentes de outras terras, nomeadamente as vocacionadas para o estudo, saber e conhecimento e consequente partilha destas três essências essenciais.

A terceira é a densidade do labor desses vultos que se impõe de um tal jeito, que as autoridades naturais das terras de que tais vultos são gente têm, entre muitas outras obrigações naturais, a de manter vivo o exemplo desses vultos e certificar-lhes a qualidade de referências de identidade e personalidade.

A quarta é a de qualquer entidade, singular ou colectiva, da mesma terra, independentemente da idade própria, poder aceitar o convite para se envolver, com respeito absoluto pela independência e autonomia de todas as demais entidades, em convergência paritária rumo ao objectivo elevado e nobre de perenizar a vida da alma, do labor e da partilha dos seus melhores.

A quinta realidade, das várias antes enunciadas, é esta mesma edição.

Fruto natural de um facto histórico: a vida e obra de um figueirense: ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

Três entidades, cada qual a seu tempo, cada qual com as suas competências, convergiram, sem sobreposições, num acto único: celebrar ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

De forma a que tudo culminasse neste documento único, acta de momentos únicos, concebidos para o renascer evocativo e memorial de um Homem Único: ANTÓNIO DOS SANTOS ROCHA.

A alguns dos destinatários desta edição será possível reavivar a memória e acrescentar saberes dantes não sabidos.

A outros fica garantido o acesso ao saber de que houve, do que houve, e como foi nobre, subido e denso isso e esse que houve.

Três sentir-se-ão gratificados porque conceberam, contribuíram e garantiram essa mais vida, para além da vida. Cada qual a seu tempo.

Todos os demais se sentirão de peito cheio e alma plena, no presente orgulhosos do seu passado e estimulados para o seu futuro.

Assim se longevizam as comunidades.

Com contributos como esta edição.

O Casino Figueira honrou o seu historial, de uma forma particularmente distinguida, já que lhe foi possível assumir a sua vocação natural, e não uma sua específica obrigação social esperada.

Em conjunto com Entidades que só enobrecem quem com as mesmas adrega emparceirar, mesmo que ocasionalmente.

CASINO FIGUEIRA  
Outubro de 2012

casino  
figueira